



- **RESENHA**

INTRODUÇÃO À LEITURA DE SAUSSURE, DE SIMON BOUQUET

Suany Oliveira de Moraes*

■ O livro do filósofo e linguista Simon Bouquet, intitulado *Introdução à leitura de Saussure*, trata de um exame pormenorizado sobre a epistemologia estruturalista saussuriana advinda do século XX. O livro *Curso de linguística geral* (o Cours), de publicação datada de 1916, foi organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, antigos colegas e alunos de Ferdinand de Saussure, que juntos à contribuição de Albert Riedlinger tomaram como projeto a reconstituição de anotações feitas por seus discípulos nos cursos de Linguística Geral, ministrado pelo professor genebrino.

Muito interessante é observar que o estudioso Simon Bouquet faz uma análise aprofundada da obra que tradicionalmente inaugurou o estruturalismo linguístico de uma maneira bem consciente e crítica, já que o Cours, que é uma obra póstuma, não foi, originalmente, organizado segundo “a lógica de um sistema acabado” (BOUQUET, 2004, p. 13). Muito pelo contrário, os manuscritos originais de Saussure testemunham o quão suas formulações teóricas e preceitos linguísticos eram ainda marcados pela insegurança e pela experimentação, e até mesmo por algumas incertezas. Ou seja, alguns conceitos não eram tão sistematizados como indicam os textos do Cours. O pensamento saussuriano nas notas e nos manuscritos dos alunos foi formado por pinceladas separadas, fragmentadas, não constituindo, ainda, “uma epistemologia programática da linguística” que mais tarde seria formalizada pela obra de 1916.

Assim, *Introdução à leitura de Saussure* é, de fato, uma obra que desperta um novo olhar sobre as teorias elaboradas pelo professor genebrino, expressão pela qual Saussure é conhecido. A obra põe em xeque a hegemonia do pensamento saussuriano, porque Bally e Sechehaye promoveram algumas supressões teóricas e, por outras vezes, deixaram de esgotar algumas questões que, na verdade, faziam parte de um projeto científico, projeto esse que visava “descobrir qual a natureza essencial da língua. Esse é o objetivo irrevogável da linguística

* Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – Três Lagoas – MS – Brasil. E-mail: suanymoraes@uol.com.br

enquanto ciência” (BOUISSAC, 2012, p. 22). Em todo caso, não se pode, de forma alguma, desprezar aquilo que foi proposto inicialmente por seus ex-alunos, já que eles foram os grandes divulgadores da originalidade do trabalho e do pensamento de Saussure.

Indubitavelmente, o Cours é a obra que traz em si o nascimento da epistemologia moderna sobre as questões linguísticas. Saussure inaugura um método e dá forma a toda uma teoria acerca da língua e da linguagem. É ele quem atribui “cientificidade” aos saberes linguísticos em detrimento de um olhar que era então de ordem filosófica e filológica.

O conjunto do *corpus* saussuriano pode ser dividido sob três abordagens teóricas: a primeira correspondente a uma epistemologia da gramática comparada; a segunda diz respeito a uma reflexão filosófica sobre a linguagem (metafísica); e, por fim, a terceira corresponde a uma epistemologia programática da linguística, a uma abordagem teórica mais científica. Essas três configurações discursivas não chegam a dar uma completude aos conceitos cardeais da linguística de Saussure, como a teoria do arbitrário ou a teoria do valor. É importante destacar que as bases filosóficas do pensamento saussuriano estão mais evidentes nos manuscritos originais do que propriamente no Cours – obra que nasce junto ao desenvolvimento das ciências humanas e que é estruturada segundo uma relação de complementaridade entre a epistemologia e a metafísica. Nela, percebe-se uma aparente teorização do saber positivista humano. As ditas disciplinas das ciências modernas possuem um traço comum: aparição, renovação, crescimento (reivindicação) e afirmação da positividade de uma autonomia radical diante da filosofia e mais particularmente da metafísica.

O livro de Bouquet ainda nos mostra um panorama do envolvimento precoce de Ferdinand de Saussure com os estudos relativos à gramática comparada de Franz Bopp e seu interesse pela descrição de fatos fonológicos e morfológicos das línguas indo-europeias. Saussure, de espírito investigador, autodidata e curioso, com apenas 15 anos, arquitetou uma teoria que, segundo ele, permitia recuperar, a partir de formas léxicas de todas as línguas, 15 raízes comuns caracterizadas por uma estrutura fonemática invariável. Vê-se, então, que Saussure, desde cedo, teve grande interesse em estudar fatos relacionados às línguas, e não foi repentinamente que ele se tornou um estruturalista. O genebrino teve também uma base comparatista acerca dos estudos sobre a linguagem, principalmente, quando formalizou uma teoria completa sobre as vogais indo-europeias arcaicas no livro *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* – obra datada de 1878 e fundamentada em uma linguística histórica. A paixão inicial do mestre genebrino era a busca pelas etimologias. Em seus cursos, ensinou história, fonologia, gramática, lexicologia, dialetologia, linguística geográfica, história da versificação francesa e literatura alemã. Além disso, realizou trabalhos mitográficos, comparatistas e poéticos. O estudo da gramática comparada de Saussure apresentou, de um lado, a comparação das diversas línguas entre si; de outro, a história fonológica e gramatical de línguas em particular. É por isso que, de certa forma, saber se a linguística era uma ciência histórica (social) ou se era uma ciência natural não teve solução satisfatória até o fim do século XIX. Mesmo assim, Saussure sustenta a ideia de que a linguística é uma ciência histórica contra aqueles que, recorrendo ao darwinismo, pretendiam fazer dela uma ciência da natureza. É na epistemologia de uma gramática comparada que repousa a concepção saussuriana de uma ciência que inclui a face semântica da linguagem.

Bouquet revela-nos a grande dificuldade de Saussure em definir seu objeto científico. A princípio, pode nos parecer que o Cours apresenta uma teoria pronta e acabada, mas não é exatamente isso que os manuscritos originais provam. Saussure inicialmente teve “uma tal falta de primeiro objeto” ou “uma ausência necessária do ponto de partida” (BOUQUET, 2004, p. 69). Isso demonstra que o genebrino precisava delimitar teoricamente seu objeto de estudo e definir suas possíveis implicações, tarefa essa nada fácil.

O ponto de reflexão saussuriano era encontrar os fundamentos possíveis de uma ciência da linguagem maior que a gramática comparada, ou seja, o fundamento que englobasse o plano do sentido. Assim, Saussure passa por uma dificuldade de formalizar seu programa epistemológico, na medida em que propõe uma análise sincrônica dos fatos da língua e formula sistematicamente conceitos como: língua, sistema e signo. Talvez tenha sido esse um dos recortes metodológicos do projeto saussuriano. Tais conceitos vão fundamentar grande parte da teoria estruturalista. Percebe-se que Ferdinand de Saussure pretende fazer da linguística uma verdadeira ciência (legítima) e não uma ciência da natureza, ligada às teorias darwinianas, teorias essas que predominaram o pensamento humano até o século XVIII. A teoria saussuriana não é a de uma ciência estabelecida, mas a de um programa de uma ciência futura.

Não só conceitos como língua, sistema ou signo deram forma ao pensamento saussuriano. O ponto de vista sincrônico da linguagem foi de tamanha relevância para a sistematização e legitimação do projeto estruturalista que mais tarde acabou influenciando outras ciências. O “estado de uma língua” passa a ser agora linguisticamente valorizado, já que para o linguista genebrino “A língua é um objeto científico muito especial. Nada há de comparável à língua” (BOUQUET, 2004, p. 70). A gramática comparada teve sua hegemonia até o final do século XIX, época em que o ponto de vista diacrônico sobre a língua era o que legitimava seu estudo. Com os estudos saussurianos, inaugura-se o princípio da igualdade das línguas, ou seja, não importa mais esta ou aquela língua, prestigiada ou não. O que realmente importa é a igualdade funcional da língua. Para Saussure, a linguagem é língua, e a língua é contingência, ou seja, especificidade. Um estudo científico sobre uma língua não deve escolher esta ou aquela em detrimento de outra, mas sim traçar paralelos entre as mais variadas formas populares e formas cultivadas ou literárias.

“As repetições imprecisas que ocorrem quando se domina uma língua são variações fonéticas que permanecem transformando o quadro de geração em geração e através de diferentes áreas geográficas”, o mestre genebrino teria apresentado, em 1910, essa consideração em uma de suas aulas (apud BOUIS-SAC, 2012, p. 26). Não estaria aqui o linguista já preocupado com a variabilidade linguística, com o aspecto social da língua? De fato, Saussure enxergava longe os fatos linguísticos e pode ser atribuído a ele o mérito de ter fundado a linguística moderna, ou como bem disse Bloomfield, linguista funcionalista norte-americano, Saussure nos deu “a base teórica de uma ciência da linguagem humana” (apud BOUQUET, 2004, p. 142), que é a epistemologia programática de uma gramática do sentido. O professor genebrino afirma claramente que tal gramática do sentido é destinada a englobar os domínios tradicionais da lexicologia, da morfologia e da sintaxe.

Simon Bouquet também faz questão de retratar em sua obra que Saussure deu fundamentação teórica àquilo que chamou de semiologia ou ciência dos

signos. Para ele, a relação, interior ao signo, entre o significante e o significado, e a relação dos signos entre si no seio do sistema da língua são bem difíceis de distinguir. Saussure tinha consciência de que era preciso adotar um ponto de vista semiológico sobre a linguagem, ou melhor, adotar um princípio que permitisse saber em que consistiam os signos e qual era a sua natureza. Assim, pontuou quais seriam as características fundamentais do signo linguístico, a saber: unidade, identidade, mutabilidade e imutabilidade e arbitrariedade. O lugar da semiologia na reflexão saussuriana é bem mais importante do que faz parecer o ponto de vista semiológico do Cours.

Vê-se também a consideração do mestre genebrino em insistir no fato de que a língua é única em seu gênero e inassimilável a qualquer outra realidade. Nesse sentido, a definição de língua que aparece no Cours resume a abordagem estruturalista do ponto de vista linguístico, mas com raízes na tradição da metafísica da linguagem: “a língua é um sistema de signos”. Há ainda outros conceitos de ordem filosófica, relacionados à língua ou ao signo, que são encontrados nas anotações dos alunos e nos manuscritos do linguista e não no Cours. Tais conceitos estão relacionados ao pensamento, à linguagem, à ideia, ao conceito, à expressão, ao sentido e à significação. A língua é um sistema inassimilável a qualquer outro e, por isso mesmo, tão complexo, já que se trata de um organismo gramatical, um objeto semiológico arbitrário. E seu estudo cabe essencialmente aos estudiosos da linguagem: aos linguistas. Podemos notar que Saussure deu às teorias linguísticas seu verdadeiro espaço. Suas reflexões acerca da linguagem (construída de sistemas, autônomos uns em relação aos outros e específicos a cada língua) fizeram que houvesse uma crescente rejeição ao olhar metafísico tradicional e um maior interesse pelas ciências de um modo geral. O propósito de Saussure ao desenvolver o conceito geral de língua perpassa principalmente pelo ponto de vista semântico.

Outro conceito elaborado por meio das reflexões saussurianas é o conceito do valor ou a transversalidade do conceito do valor nos níveis lexicológico, morfológico e sintático da linguagem. Saussure considerava a língua um organismo gramatical e, portanto, sistêmico e complexo. Expandiu conceituações e teorizações além do plano fonológico, o que só fez com que a epistemologia moderna avançasse seu percurso em relação aos fatos da linguagem. A linguística estática (sincrônica) pensada por Saussure é uma nova “gramática geral” e essa gramática geral do sentido está baseada no princípio do valor. Saussure considera que onde há termos, há valores. E que o valor semântico de um determinado termo é estabelecido mediante o estado de uma língua, por meio das relações e das diferenças encontradas entre os termos. Assim, conclui-se que a significação é determinada pelo que a rodeia, porque um sistema conduz ao termo que nele se insere, não havendo, então, de acordo com Bouissac (2012), “significados isolados”.

Simon Bouquet sintetiza muito bem quais são os princípios saussurianos e com isso traça um quadro em que expõe as ideias principais que fundamentaram a teoria de Ferdinand de Saussure. São eles: a distinção entre língua (tesouro de signos, segundo Saussure) e fala, o caráter sistêmico e opositivo da língua, a natureza psíquica do fato fonológico, a tese, que acompanha as bases precedentes da diferenciação entre o nível da substância (ponto de vista fonético) e o da forma (ponto de vista fonológico). E ainda reforça o fato de ser a língua o objeto da linguística, considerada em si mesma e por si mesma. Saussure nos chama a atenção para o fato de ser a língua capaz de utilizar uma configuração

lógico-gramatical como vetor de criação lexical e ainda de ela ser capaz de utilizar propriedades posicionais para constituir unidades morfológicas. O caráter opositivo da língua é de muita importância para o entendimento estrutural do sistema, já que todo mecanismo da língua gira em torno da identidade e da diferença. A teoria do valor está intimamente ligada às semelhanças e às diferenças. O valor de uma palavra da língua tem a ver com outras palavras, ou seja, tudo depende do sistema em que determinada forma está arranjada, está inserida. Dessa forma, tem-se, claramente, que a teoria do valor também está ligada à questão da arbitrariedade do signo, pois o valor do signo linguístico é estabelecido mediante a presença ou ausência de um termo com qual ele se relaciona. Assim, é estabelecida a teoria das relações. O conceito de arbitrário é tão importante na teoria elaborada pelo genebrino porque sustenta diretamente o conceito cardeal de sua epistemologia programática: o de “valor”.

Simon Bouquet, notadamente, mostra-se um profundo conhecedor da obra de Ferdinand de Saussure e de seus manuscritos e prova que suas teorizações não estavam acabadas. O Cours foi, na verdade, escrito e organizado postumamente, o que não permitiu uma revisão ou reformulação cuidadosa das informações publicadas por parte de seu autor. Entretanto, a obra inaugura uma nova abordagem que pode ser reavaliada pelas ideias e pesquisas de Bouquet.

REFERÊNCIAS

- BOUISSAC, P. *Saussure: um guia para os perplexos*. Tradução Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SAUSSURE, F de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1999.

Recebido em junho de 2014.
Aprovado em outubro de 2014.

BOUQUET, Simon.
<i>Introdução à leitura de Saussure.</i>
São Paulo: Cultrix, 2004.